



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 6 – Informação, Educação e Trabalho

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR E O ALUNO IMIGRANTE

INTERCULTURAL EDUCATION, SCHOOL LIBRARIAN AND THE IMMIGRANT STUDENT

Morena Pereira Porto. UFSC.

Eliane Fioravante. UDESC.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Apresenta resultados discursivos de pesquisa de mestrado profissional, cujo objetivo é conhecer o que pensam bibliotecários de bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis no que tange ao acolhimento de alunos imigrantes. Quanto à natureza e aos objetivos, trata-se, respectivamente, de pesquisa aplicada, descritiva, e de abordagem qualitativa. A fundamentação teórico-metodológica parte de abordagem fenomenológica e seus desdobramentos e da Teoria das Representações Sociais. A coleta foi realizada em 2021, por meio de entrevista e de questionário. Para tratamento e análise dos dados da entrevista, adotou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, a partir da qual compreendeu-se que o sujeito coletivo “bibliotecário escolar” dessa rede de ensino expressa percepções e reproduções incipientes sobre imigração, dúvidas sobre termos e conceitos e, em alguns momentos, até mesmo a invisibilidade dos alunos imigrantes. Com isso, é proposto como produto desse mestrado profissional uma oficina voltada para bibliotecários e professores, com rodas de conversa sobre as temáticas imigração, intercultural, literatura e alunos imigrantes, almejando introduzir e propiciar ideias sobre o assunto no cotidiano escolar e nas práticas bibliotecárias.

Palavras-Chave: Biblioteca escolar. Bibliotecário escolar. Imigração. Alunos imigrantes. Educação Intercultural.

Abstract: Resumo: It presents the result of a professional master's research, whose objective is to know what librarians of school libraries of the Municipal Education Network of Florianópolis (Rede Municipal de Ensino de Florianópolis) think about the reception of immigrant students. As for the nature and objectives, it is, respectively, applied research, descriptive with a qualitative approach. The theoretical-methodological foundation is based on phenomenological approach and its developments, and from the Theory of Social Representations. Data were collected in 2021, through an interview and questionnaire. For the treatment and analysis of the interview data, the Collective Subject Discourse technique was adopted. From the discourse of the collective subject "librarian", it was understood that school librarians express incipient perceptions and reproductions about immigration, doubts about terms and concepts, and, at some moments, even the invisibility of immigrant students. Based on that, it is proposed as a product of this professional master's degree, a workshop directed to librarians and teachers, with talking circles on immigration, interculture, literature and immigrant students, as a way to introduce and provide ideas on the subject in school daily life and in practices librarians.

Keywords: School library. School librarian. Immigration. Immigrant students. Intercultural education.



1 INTRODUÇÃO

Crises econômicas e políticas, guerras, desastres ambientais, entre outros continuam a influenciar o fluxo migratório mundial. Diferentemente de tempos remotos, hoje, por conta da crescente popularização de tecnologias de informação e de comunicação, elevada produção e consumo de informações via *web*, esse movimento de pessoas é mais perceptível, assim como as causas e os impactos em todo o social.

Em 2020, a estimativa global era de 281 milhões de migrantes internacionais (IOM, 2022). No mesmo ano, o Brasil teve uma média de 1,1 milhão desses migrantes, ou seja, 0,5% da população do país, com fluxos predominantes de venezuelanos e haitianos (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021). Nesse quantitativo, crianças e adolescentes imigrantes, frequentemente, são invisibilizadas, vistas apenas como acréscimo de suas famílias (MARTUSCELLI, 2015). Orellana (2009) afirma que estudos e estatísticas da área de migração, muitas vezes, focam nesse público sobre um único viés, no entanto, são essas crianças e adolescentes os que mais transitam em espaços sociais onde as culturas se encontram, se chocam, se enfrentam. Um desses espaços é o escolar, o principal para que isso ocorra, o que reflete nas interações e nos serviços da biblioteca escolar (BE).

A partir do Censo Escolar, verifica-se no Brasil aumento expressivo no número de imigrantes matriculados na rede básica de ensino, passando de 41.916, em 2010, para 122.900, em 2020¹ (VINHA; YAMAGUCHI, 2021). Em 2020, nas escolas públicas e privadas de Santa Catarina (SC), haviam 11.232 matrículas desses alunos². Em Florianópolis, cidade desse estado com a maior concentração deles, foram 1.499 matrículas, de mais de 62 nacionalidades. A expansão da chegada de haitianos e venezuelanos na cidade é explícita no número de matrículas: 257 haitianos e 260 venezuelanos. Tal quadro expõe a necessidade de se discutir cada vez mais sobre migração e intercultura no âmbito escolar e em suas extensões.

Por ser espaço que inicia as crianças em novo processo de aprendizagem e de socialização, a escola tem como desafio e responsabilidade, salvaguardar e promover o diálogo intercultural entre alunos, professores e famílias (FURTADO; OLIVEIRA, 2012). E cabe

¹ Dados atualizados até a data de submissão do artigo.

² Os dados referentes à matrícula, apresentados nesta seção, foram fornecidos pela Gerência de Avaliação da Educação Básica e Estatísticas Educacionais, da Secretaria de Estado da Educação, pelo *e-mail* gaebe@sed.sc.gov.br, ao longo dos anos de 2019 a 2021.



à biblioteca, ambiente para acesso de toda comunidade escolar, reforçar, ainda mais, a possibilidade de integração e de intercultura. Para que atinja essa perspectiva, os bibliotecários devem estar alinhados à postura de uma responsabilidade social maior, no sentido de entender o seu papel para além de condutas técnicas e burocráticas.

Este artigo apresenta resultados de pesquisa de mestrado profissional, no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que teve como objetivo conhecer o que pensam bibliotecários escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) quanto ao acolhimento de alunos imigrantes.

2 MIGRAÇÃO E INTERCULTURA NA EDUCAÇÃO E NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Com o aumento de imigrantes e refugiados no Brasil, a pauta sobre migração tornou-se mais evidente nos noticiários nacionais, instigando a opinião pública a pensar na representação desses que chegam. Tais representações, e até estereótipos, muitas vezes chegam na sala de aula antes mesmo do sujeito imigrante com a sua singularidade (ANDRÉ, 2016). Curci (2020) atenta que termos e abordagens “viciadas” ainda são corriqueiros no cotidiano das escolas. O bibliotecário é um dos profissionais que, em contato com todos os alunos, deve estar atento às representações que circulam no meio social e escolar e até mesmo às que ele, consciente ou inconsciente, tem e reproduz.

O ambiente escolar é espaço plural, de diversidade cultural e de comportamentos relativos às diferenças e aos diferentes. Fleuri (1999) destaca o conceito de educação intercultural como proposta de igualdade, de respeito e oportunidades para todos, enfatizando a relação entre diferentes culturas como fator pedagógico. A interculturalidade confronta o colonialismo, ainda presente, e nos convida a criar posições, condições, relacionamentos e estruturas novas e distintas. É, segundo Walsh (2009), um projeto social, político, ético e epistêmico, algo a ser construído, e entendido como um processo de permanente negociação. Que exige mudanças nas relações, nas estruturas, condições e dispositivos de poder que mantêm a desigualdade, a inferiorização, a racialização e a discriminação.

Associada à educação, a interculturalidade promove o diálogo político-social e a reestruturação do pensamento colonial a partir da construção educacional do sujeito. Para Candau (2008, p.52), a educação intercultural propicia enfrentar conflitos causados pelas desigualdades de poder, entre os diferentes grupos socioculturais, atingindo os preconceitos



e as discriminações interiorizadas, às vezes até veladas, nas relações sociais que caracterizam os contextos em que vivemos. Segundo Fleuri (1999, p.280), com a educação intercultural se desenha uma pedagogia complexa, em que “[...] o encontro/confronto de narrações diferentes configura uma ocasião de crescimento para o sujeito, uma experiência não superficial e incomum de conflito/acolhimento.”. Com acolhimento, aflora a sensação de pertencimento, de fazer parte de algo, de estar inserido em determinado grupo ou sociedade, de poder transformar e transformar-se, gerando a noção de responsabilidade, identidade, participação e comunidade (JESUS, 2018). Promover a educação intercultural traz acolhimento ao aluno imigrante e possibilita fortalecer o sentimento de pertencimento às culturas da nova sociedade que está se inserindo.

No contexto das bibliotecas escolares, a conduta intercultural visa incentivar e resguardar a linguagem, a memória e a herança cultural, numa perspectiva voltada à inclusão das minorias, e ao mesmo tempo proporciona à comunidade escolar conhecer novas culturas, incentivando o respeito e a tolerância com o diverso e o diferente. Para tanto, entende Ceccarelli (2003, p. 26, tradução nossa) que é preciso mais investimento em publicações sobre essa temática e na “preparação de serviços multiculturais em paralelo com a formação dos profissionais da área por meio de cursos apropriados.”. Quanto aos bibliotecários, pode-se afirmar que precisam pensar, pesquisar e aplicar ações de interculturalidade voltadas à integração entre imigrantes e nativos. Afinal, o foco apenas na formação de acervo é suficiente para delinear um serviço estruturado que visa promover a inclusão?

3 FUNDAMENTOS DA PESQUISA

Trata-se de pesquisa aplicada, quanto à sua natureza, e descritiva, de abordagem qualitativa, quanto aos seus objetivos. E, por ser temática que envolve a subjetividade do outro numa prática profissional, por meio da escuta, optou-se por uma fundamentação teórico-metodológica que compartilhasse da visão humanista dentro da ciência. Sendo assim, adotou-se abordagem fenomenológica, que visa o mundo da vida, esse lugar do conhecimento do senso comum, da linguagem natural, permeados por representações sociais. Os preceitos da fenomenologia convergem com a Teoria das Representações Sociais (TRS), fundamento metodológico da pesquisa. A TRS se atenta ao conhecimento do senso comum, ao movimento natural das pessoas no seu meio social, nos aproximando mais da visão de mundo do outro, e



reconhecendo os modos e processos de constituição do pensamento social, por meio dos quais as pessoas constroem e são construídas pela realidade social (ARAYA UMAÑA, 2002).

Para Moscovici (2007), o conhecimento do senso comum é complemento do conhecimento científico, no qual se constroem as representações e a incorporação do novo. Representações, segundo o autor, é tudo o que conseguimos dar um nome. A realidade é reproduzida na forma de representações sociais, estabelecidas por um conjunto de valores, noções e regras, resultantes das interações no mundo cotidiano. É o que compõe a vida em sociedade, norteadas por ações, visando tornar familiar o não familiar, o desconhecido em algo assimilado e incorporado às construções sociais (JOHN, 2004). As representações sociais são elaboradas por dois processos fundamentais: ancoragem e objetivação. Ancorar é colocar algo que nos é estranho em um contexto familiar. É classificar e dar nome a alguma coisa ou a alguém, confinando a um conjunto de limites linguísticos, comportamentos e regras, mediante valores positivos ou negativos. A objetivação é a reprodução de um conceito em uma imagem. Isso é, a materialização ou a experiência de conceitos abstratos torna o invisível perceptível, como amor, por exemplo (ARAYA UMAÑA, 2002).

As representações sociais estão sempre presentes numa fala, opinião, postura, ação do indivíduo no seu cotidiano. São consequências dos modos socialmente compartilhados de conhecer, representar e interagir no mundo social (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014). Sobre isso, Chagas (2017) atenta para o perigo de preconceitos se tornarem padrões de referência, podendo modelar o pensamento do indivíduo e da sociedade. No tema migração isso é uma preocupação constante, visto que as representações sociais associadas às pessoas imigrantes podem impactar, de forma negativa ou positiva, em suas vidas, seus direitos e no acolhimento.

Na Ciência da Informação (CI) e Biblioteconomia, a abordagem fenomenológica e a TRS, somadas à técnica do DSC, estão gradualmente sendo desenvolvidas, possibilitando uma visão de diferentes coletivos profissionais sobre temas relevantes para o desenvolvimento de suas práticas e seus conhecimentos. Adotar essas abordagens vem ao encontro do objetivo desta pesquisa, pois ao ouvir, observar, tratar e analisar discursos de bibliotecários da RMEF, sobre a relação da BE com os alunos imigrantes, coletados mediante entrevista, será possível conhecer o que pensam os bibliotecários no que diz respeito a acolhimento de alunos com esse perfil.



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são indicados o universo da pesquisa, seus participantes, os instrumentos de coleta de dados, a coleta e o tratamento dos dados discursivos, com a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

4.1 Universo da pesquisa e participantes

O contexto da pesquisa é a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF), especificamente bibliotecas escolares, com bibliotecários, das 38 Escolas Básicas Municipais, distribuídas nas cinco regiões da cidade (central, continental, leste, norte e sul).

Os participantes definitivos são cinco bibliotecários, cada um atuando na escola com o maior número de matrícula de alunos imigrantes, de cada uma dessas cinco regiões. Para a definição da amostra, tomou-se por base o quantitativo de alunos imigrantes do ano letivo de 2019, período anterior à quarentena pela pandemia da covid-19³, quando as aulas eram presenciais e as interações entre bibliotecários e alunos eram mais intensas. Nesse ano, havia, na RMEF, 248 alunos imigrantes. Com esses dados, foram selecionadas sete escolas, duas para fins de teste dos instrumentos, e cinco para a coleta de dados definitivos.

4.2 Instrumentos de coleta de dados

Tendo como fundamentação metodológica a TRS e o tratamento dos dados discursivos sendo feito com a técnica do DSC, a entrevista individual foi o melhor instrumento de coleta escolhido para os dados. Lefèvre (2017) entende a entrevista como uma possibilidade de resgate de uma opinião individual espontânea e sem interferência, que possibilita o entendimento de alguns comportamentos ou mesmo a percepção sobre temas que fazem parte do cotidiano do entrevistado. A entrevista da presente pesquisa foi estruturada com um roteiro de oito perguntas abertas, tendo como base perguntas sobre: o conceito de biblioteca escolar, imigração, acolhimento e atendimento; práticas e acolhimento da BE em relação aos alunos imigrantes e de outras culturas. A última pergunta foi aberta para que os participantes

³“[...] doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves.” (BRASIL, 2022, não paginado). A pandemia desse vírus resultou em quarentena, iniciada em 17 de março de 2020, com a suspensão das aulas presenciais nas escolas (municipais, estaduais e particulares) e universidades (federais, estaduais e particulares), que passaram a ser ofertadas *online*.



ficassem à vontade para falarem o que quisessem se desejassem. Após as entrevistas, foi aplicado um questionário de caracterização, elaborado no Google Formulário.

4.3 Coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada em março e abril de 2021, após autorização da Secretaria de Educação de Florianópolis e aceite de participação dos bibliotecários. Durante esse período, havia um severo e crescente cenário epidêmico da COVID-19 no país e uma lenta campanha de vacinação. Com muitos profissionais da educação positivados para o vírus e com as aulas presenciais também suspensas por conta da greve de funcionários da RMEF, todo o contato da pesquisadora com os bibliotecários participantes foi realizado de forma remota. Manteve-se as condições previstas na metodologia de entrevista, com atenção ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aos cuidados para não afetar o emocional, ou o cansaço mental dos participantes durante aquele período estressante da pandemia. As entrevistas *online* foram realizadas por meio do aplicativo *Meeting* e gravadas em vídeos com captura de tela e áudio, por aplicativo no celular da pesquisadora. Após cada entrevista, foi enviado para cada participante um e-mail com o *link* de acesso ao questionário de caracterização no Google Formulário.

4.4 Tratamento dos dados discursivos

Para tratar os dados das entrevistas, adotou-se a técnica do DSC. Segundo Lefèvre (2017), com essa técnica é possível associar os conteúdos das opiniões individuais que apresentam sentidos semelhantes, formando um depoimento síntese, redigido em primeira pessoa, como se tratasse de uma coletividade. As falas submetidas a esse processo, sob a forma de depoimento coletivo, apresentam histórias ou narrativas a respeito de um dado tema ou problema pesquisado.

Para se obter o discurso do sujeito coletivo “bibliotecário escolar da RMEF”, fez-se uso de quatro figuras metodológicas: 1) Expressões-Chave (E-Ch): trechos literais do discurso que revelam a essência do depoimento ou do conteúdo discursivo; 2) Ideias Centrais (IC): expressões que apresentam, de maneira sintética, sentido semelhante ou complementar dos depoimentos; 3) Ancoragem (AC): manifestações linguísticas das crenças, das teorias e dos valores que o discursante expressa; e 4) Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): reunião das E-Ch presentes nos discursos, que têm IC e/ou AC de sentido semelhante ou complementar em



cada resposta, culminando com o DSC final, ou seja, na reunião dos DSC de todas as oito questões do roteiro de entrevista.

5 RESULTADOS E ANÁLISE

Como resultado foram apresentados os discursos individuais dos cinco entrevistados, com as suas histórias, suas angústias e seus contextos, nas quais se encontravam no momento da pesquisa, e o Discurso do Sujeito Coletivo construído a partir dessas falas.

5.1 O que dizem os bibliotecários participantes da pesquisa

A pandemia e, conseqüentemente, a greve dos funcionários da RMEF, foram temas presentes ao longo das entrevistas. As preocupações acerca da contaminação do vírus e as incertezas quanto ao retorno às aulas presenciais envolveu os participantes em dificuldades e desafios com novas ferramentas, dinâmicas e conteúdos trabalhados.

Antes mesmo de iniciar as gravações, alguns se questionaram se poderiam contribuir com a pesquisa. Contudo, enquanto eram entrevistados percebiam, em suas práticas, ações e atividades ligadas a alunos imigrantes, interculturalidade e acolhimento. Descreveram ações desenvolvidas na/ou junto à biblioteca, como rodas de conversa (troca de informações sobre a cultura local e a dos alunos imigrantes); oficinas de dicionário e de abayomi⁴; e projetos sobre África e afrodescendentes. Mesmo assim, nos depoimentos, constatou-se respostas divergentes quanto à necessidade de discussão sobre o tema, e dúvidas sobre termos, como imigrante e emigrante.

Os entrevistados também manifestaram desafios cotidianos relacionados ao assunto: falta de comunicação da direção da escola quando da chegada de alunos imigrantes; carência de discussão dessa questão nas escolas; e, principalmente, a sobrecarga de atendimentos diários às muitas turmas de alunos. Mas, ainda que tenham relatado sobrecarga de trabalho, e outras dificuldades, foi interessante ouvir desses bibliotecários as relações de proximidade com alunos imigrantes. Afinal, a atenção, a dedicação ao trabalho, o contato com os usuários, ditos até em tom de carinho e amizade, é uma forma de acolhimento.

⁴ Bonecas pequenas feitas de tecido negro, com cinco nós, sem cola e costura (VIEIRA, 2021).



5.2 O que diz o sujeito coletivo “bibliotecário”

Com base no roteiro de entrevista, o discurso do sujeito coletivo “bibliotecário da RMEF”, expressa uma concepção de biblioteca escolar; de imigração; distingue atendimento de acolhimento; de ser papel da BE alcançar os alunos imigrantes e familiares, também imigrados; e os desafios do bibliotecário para atender esses alunos, por conta da barreira linguística e da escassez de capacitação na RMEF sobre tais questões.

5.2.1 Biblioteca escolar: lugar de encontro, conversa, cultura

Afora menções à informação, ao incentivo à leitura e à pesquisa, sobressai no discurso do sujeito coletivo o entendimento de BE como espaço social, de troca e de culturas. A concepção de BE estática, centrada na guarda e no armazenamento do acervo não cabe mais nos tempos atuais. Logo, a desconstrução dessa representação passiva de biblioteca, já debatida na bibliografia da área, nos documentos e nas diretrizes relacionados a essa instituição, também está no pensamento do sujeito coletivo, para quem a biblioteca escolar é um espaço dinâmico e acolhedor, voltado para os alunos “[...] **se sentirem confortáveis, prazerosos, que possibilita várias atividades, artísticas e culturais.**” (AUTOR 1, 2021, p.109, destaque do autor). Percebe-se que esse discurso vem ao encontro de noções de acolhimento a outras culturas, versando, assim, diretamente no recebimento e na sua relação com o aluno imigrante. Na visão do sujeito coletivo, uma das funções da biblioteca escolar é:

[...] promover a interação cultural, esse pode ser o espaço multicultural para pensar em ações e em acervos para inserir esse aluno da melhor maneira dentro da escola. A biblioteca pode apresentar a cultura do local, a língua, a arte, a música e a literatura da região. Bem como, continuar apresentando materiais na língua do imigrante, com livros, materiais, projetos, para que ele também não se distancie da sua cultura. Ser um espaço para a integração do imigrante, para ele se sentir acolhido e ter essa convivência. (AUTOR 1, 2021, p.109, destaque do autor).

Ao defender que bibliotecas escolares são espaços sociais, o sujeito coletivo reforça o senso de responsabilidade social desses espaços, de si próprio e de seus profissionais.

5.2.2 Migração é movimento

Movimento é a palavra mais citada pelos entrevistados quando expõem a sua concepção de imigração. Para o sujeito coletivo, essa palavra



[...] lembra o deslocamento de uma comunidade, de uma população para outra região. É o movimento de saída de um país, a mudança de local de residência, alguém indo para algum lugar. São novas pessoas, novos lugares. Pessoas vindo de fora para morar aqui, vindo de algum lugar para onde eu moro, chegando. Eu lembro de pessoas, de necessidades diferentes, ou ainda pessoas com necessidades culturais. Porque nem todas as pessoas migram por um mesmo objetivo. (AUTOR 1, 2021, p.113, destaque do autor).

Estar a par das nuances que englobam o processo migratório, e o seu respaldo jurídico, é fundamental para o acolhimento do aluno imigrante. Na escola, isso a faz assumir o papel de ponte na recepção e na integração entre esse aluno, a comunidade e a sua família, no que se refere à socialização da cultura e da língua, que são facilitadores do aprendizado e da própria integração desses sujeitos aos novos contextos.

5.2.3 Acolher e atender: percepções a partir da prática

O sentido dado às expressões “acolhimento” e “atendimento” serviu como complemento à descrição dada pelo sujeito coletivo sobre o que entende por biblioteca escolar. Mesmo sendo temática pouco explorada na área, o conceito de atendimento *versus* acolhimento é algo que os bibliotecários distinguem na prática. Para esse sujeito, atendimento é algo mecânico, prático, rotineiro. É “[...] **atender as demandas informacionais dele [usuário] e chega aí.**” (AUTOR 1, 2021, p.111, destaque do autor). Está relacionado ao serviço técnico e prevalece por conta da correria do dia a dia. Menciona, ainda, que diante da “[...] **frequência de estudantes não se consegue acolher da maneira que deveria, às vezes nem atender da maneira que deveria.**” (AUTOR 1, 2021, p.111, destaque do autor). Já acolhimento é associado a afeto. É “[...] **estar interagindo mais com o aluno, com conversa, com recebimento do usuário.**” (AUTOR 1, 2021, p.111, destaque do autor). Para esse acolhimento ao aluno imigrante, o sujeito coletivo compreende que o primeiro passo é a comunicação.

Saber o que ele gosta, o que ele quer. Identificando anteriormente quem é o aluno, e tentando conversar com ele no particular, não expondo ele. Tentando ver o que necessita, perguntar de onde é que vieram, o que estão gostando aqui, ou do que que tem saudade no país de origem, quem é que veio junto, e ver o que ele entende por biblioteca. Desta forma, apresentamos a biblioteca, o funcionamento, as regras, o acervo. Mostrando que nós estamos ali para acolher, para ajudar, chamamos até a família. (AUTOR 1, 2021, p.111, destaque do autor).



No Brasil, experiências de acolhimento ao aluno imigrante são tímidas, mais ainda quando ligadas à biblioteca. Não quer dizer que no cotidiano da biblioteca escolar não ocorra alguma forma de acolhê-lo, como vemos no relato do sujeito coletivo, com a:

[...] roda de conversas, onde eles [os alunos imigrantes] passam um pouquinho da cultura deles. São atividades para inteirar o aluno nesse ambiente. E alguns alunos daqui acabam falando um pouquinho da nossa cultura, também. (AUTOR 1, 2021, p.112, destaque do autor).

Essas atividades, por vezes, não estão associadas a algum projeto, mas estão nas práticas da biblioteca e do bibliotecário escolar. Sobre isso, e pensando em uma abordagem intercultural, Candau (2008) explica que a promoção do diálogo entre pessoas de diferentes culturas não deve ser limitada a momentos pontuais, ou apenas a projetos, mas desenvolvida com enfoque amplo, a afetar todas as dimensões do processo educativo, e todos que participam dele.

5.2.4 Biblioteca para além da escola: na família do aluno imigrante

Para a efetivação de uma abordagem intercultural, é preciso envolvimento de toda comunidade escolar, e isso se estende à família. Sobre isso, o sujeito coletivo alega que a BE **"[...] arruma um kit de livros dos componentes curriculares para emprestar para a família. Para que eles tenham uma forma de pesquisa em casa, para ter contato com a língua portuguesa, para também os pais lerem. É uma forma de chamá-los à biblioteca."** (AUTOR 1, 2021, p.114, destaque do autor).

Esse acolhimento à família imigrante é ação que coloca a biblioteca como central na abordagem de uma educação intercultural. E, assim, conforme o sujeito coletivo, a BE **"[...] vai além dos seus muros da escola. É uma biblioteca enquanto função social também para o imigrante, um agente social."** (AUTOR 1, 2021, p.115, destaque do autor). Ao se aproximar desse público, possibilita maior integração e acompanhamento do aluno imigrante.

5.2.5 "Yo no te entiendo": barreiras para entender, atender e acolher o aluno imigrante

Quando se é imigrante, há diferentes exigências de comunicação a interferir na convivência do ambiente escolar. Essa pode ser uma barreira para a aproximação entre aluno imigrante e profissionais da escola. O sujeito coletivo diz que a língua é a maior dificuldade no processo de acolhimento e de inserção desses alunos no ambiente educacional, como para **"[...] apresentar a biblioteca, mostrar que a biblioteca é importante, que está ali para**



auxiliar, para ajudar. Saber que ele pode usar como espaço de aprendizagem.” (AUTOR 1, 2021, p.115, destaque do autor). Outro desafio é entender a cultura dos alunos imigrantes. Como afirma o sujeito coletivo, “[...] **cada um tem a sua cultura e a que está enraizada. Fica difícil eu mudar para atender. Eu posso é entender as necessidades dele para tentar atender da melhor forma possível. Para que ele possa sair com a informação que ele deseja [...].**” (AUTOR 1, 2021, p.115-116, destaque do autor). Davel e Bussmann (2017) explicam que no processo de acolhimento aos alunos imigrantes é recorrente o estranhamento entre culturas. Muitas vezes, a partir da nossa cultura, reproduzimos estereótipos sobre a cultura do outro, julgando determinados comportamentos, ou imaginando determinadas vivências do aluno imigrante, a partir das nossas representações. Precisamos entender que os imigrantes não deixam de ser quem são antes de emigrar. Segundo Costa (216, p.41), isso “implica em um sair de si e tentar entender o outro sobre a lente da aprendizagem e da tolerância e, sobretudo, do respeito e da valorização ao diferente.”.

Outra dificuldade do sujeito coletivo é o desenvolvimento de projetos. Práticas de educação intercultural, por mais que sejam necessárias, tornam-se desafiadoras diante das demandas burocráticas, de rotina, ou, ainda, da falta de verba e/ou de recursos humanos. Quer por falta de comunicação da direção escolar ou de tempo do bibliotecário, já escasso para atendimento, a inclusão de alunos imigrante ou com outra demanda específica, fica à mercê de momentos informais, como conversas aleatórias, para serem notados. Momentos que podem até não acontecer.

5.2.6 “Ninguém nunca nos falou”: a escassez da temática imigração para bibliotecários na RMEF

O sujeito coletivo aponta saber da presença de alunos imigrantes na RMEF, mas também afirma haver escassez do assunto imigração na rede, e menciona: “[...] **eu acho importante essa discussão sobre imigração. Eu acho que deveria ser até um tema para um curso.**” (AUTOR 1, 2021, p.118, destaque do autor).

Por mais que se constate ações de acolhimento e intercultura com alunos imigrantes nas bibliotecas pesquisadas dessa rede, vemos o sujeito coletivo externar dificuldades, confusão acerca de termos implicados nessa questão e desafios, que poderiam ser amenizados e/ou sanados com mais pesquisas e publicações sobre o assunto nas áreas de CI



e de Biblioteconomia, com a inclusão desse tema no currículo, com capacitações ou formação extracurricular.

6 EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, BIBLIOTECA E O ALUNO IMIGRANTE: PROPOSTA DE OFICINA

A partir da escuta de cinco bibliotecários, que resultou em um discurso do sujeito coletivo, foi proposto como produto dessa pesquisa de mestrado profissional uma oficina, de oito horas, sobre migração, alunos imigrantes e o fazer do bibliotecário escolar. Dirigida a bibliotecários e professores da RMEF, a oficina é estruturada em três eixos: 1) apresentação de dados de imigrantes no Brasil, SC e Florianópolis; as matrículas de alunos imigrantes em SC e em Florianópolis; e o Discurso do Sujeito Coletivo "bibliotecário da RMEF de Ensino de Florianópolis" resultado da dissertação; 2) duas rodas de conversa, uma delas fazendo uso de livros de literatura infantil, infanto-juvenil e juvenil sobre imigração e intercultura, como rota, e relacioná-los a essas temáticas e possíveis práticas na biblioteca escolar; e 3) dinâmicas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dados sobre os imigrantes que chegam no Brasil revelam urgência para que o assunto migração entre em pauta nas mais diversas frentes, como na educacional, na CI e na Biblioteconomia. A inserção de crianças e adolescentes imigrantes no ambiente escolar deve ser tratada para além da legislação e da aprendizagem curricular. Afinal, na escola se promove socialização, re-conhecimento de novas regras, convívio de diferentes culturas. É ambiente propício para a valorização e a integração do aluno imigrante. E as bibliotecas escolares desempenham papel essencial para o diálogo e o respeito entre culturas, para o acolhimento desses alunos no contexto da escola e na comunidade em que estão inseridos, seja por meio do acervo, dos serviços e, sobretudo, pelo modo como são recebidos pelos profissionais, pelo esforço por fazê-lo. Para isso, é preciso que o bibliotecário esteja preparado, no sentido de estar capacitado e aberto para o reconhecimento de outras culturas, com respeito ao diferente e, principalmente, para não silenciar no outro a cultura, as raízes que carrega, impondo a cultura nativa ou local. Nossas atitudes mexem com nossa essência, acionam pensamentos que por vezes nem temos consciência que os temos interiorizados, como representações de preconceito com o diferente devido aos nossos costumes, à escassez de informação e de reflexão.



Discutir sobre diversidade cultural é basilar para uma sociedade democrática. E a CI e a Biblioteconomia estão envolvidas nessa responsabilidade, visto que são áreas sociais que têm a informação como base da profissão.

A intenção com essa pesquisa foi de conhecer sobre o acolhimento ao aluno imigrante e tentar entender o quanto a biblioteca e o bibliotecário escolar podem contribuir com esses alunos que chegam de muitos lugares. Com o Discurso do Sujeitos Coletivo “bibliotecário da RMEF de Ensino de Florianópolis”, foi possível obter um panorama sobre esse tema em Florianópolis e visualizar a inserção do assunto dentro do recorte proposto na pesquisa, sendo cinco bibliotecas de cinco escolas da RMEF. Constatando a necessidade de ampliar essas discussões, espera-se que essa pesquisa desperte o interesse dos seus leitores para novas pesquisas, discussões, formações e práticas, seja em bibliotecas escolares, públicas, comunitárias ou universitárias e em outros espaços de informação e de socialização.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, B. P. A diversidade dos alunos estrangeiros e seu processo de adaptação em escolas brasileiras. In: BAHIA, J.; SANTOS, M. (org.). **Um olhar sobre as diferenças**: a interface entre projetos educativos e migratórios. São Leopoldo: Oikos, 2016. v. 1.

ARAYA UMAÑA, S. Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión. **Cuadernos de Ciencias Sociales**, San José, n. 127, out., 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/34851985/Araya-Umana-Sandra-Las-representaciones-sociales>. Acesso em: 24 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 maio 2022.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, jan/abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwMvGSVPkGnWc67BjtC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2022.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Imigração e refúgio no Brasil**: Retratos da década de 2010. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

CECCARELLI, A. Nella mia biblioteca nessuno è straniero: le biblioteche pubbliche italiane di fronte alla sfida multiculturale. **Biblioteche Oggi**, v. 21, n. 7, p. 25-31, set., 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecheoggi.it/2003/20030702501.pdf>. Acesso em: 13 maio 2022.



CHAGAS, R. de L. **Rede de bibliotecas em ambientes de saúde mental: um diálogo interdisciplinar**. 2017. 377 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) - Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1440/dissertacao_ricardo_15689009582748_1440.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

COSTA, G. dos S. Educação e imigração: oficinas interculturais como dispositivos para apoiar a participação das famílias imigrantes. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 12, n. 22, p. 39-61, maio/ago., 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/882>. Acesso em: 11 maio 2022.

CURCI, N. B. Z. de. **Jovens migrantes transnacionais na escola: o que (não) nos contam?** 2020. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220482>. Acesso em: 8 maio 2022.

DAVEL, M. A. N.; BUSSMANN, A. C. C. Descolamento cultural e o acolhimento de alunos estrangeiros na Rede Municipal de Ensino de Curitiba. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE

EDUCAÇÃO, EDUCERE, 13., 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...]. Curitiba: PUCPR, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24070_12434.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

FLEURI, R. M. Educação intercultural no Brasil: a perspectiva epistemológica da complexidade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 80, n. 195, p. 277-289, maio/ago. 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184882>. Acesso em: 27 maio 2022.

FURTADO, C.; OLIVEIRA, L. Biblioteca escolar e interculturalidade: rede social em países lusófonos Portal Biblon. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 155 - 169, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/download/23936/19798>. Acesso em: 10 maio 2022.

IOM. **Migratio data portal**. Disponível em: https://www.migrationdataportal.org/international-data?i=stock_abs_t=2020&cm49=76. Acesso em: 12 maio 2022.

JESUS, T. A. D. de. **Biblioteca e educação: um estudo sobre acolhimento em dispositivos culturais para crianças**. 2018. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-26122018-113757/pt-br.php>. Acesso em: 20 maio 2022.

JOHN, V. M. **Palavras de Salvação: as representações da leitura na prisão**. 2004. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em:



<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87436/207489.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 maio 2022.

LEFÈVRE, F. **Discurso do sujeito coletivo**: nossos modos de pensar nosso eu coletivo. São Paulo: Andreoli, 2017.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n.2, p. 502-507, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/wMKm98rhDgn7zsfvxnCqRvF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2022.

MARTUSCELLI, P. N. O paradoxo da globalização e a migração infantil: algumas reflexões. *In*:

VASCONCELOS, A. M. N.; BOTEGA, T. **Política migratória e o paradoxo da globalização**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2015.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORELLANA, M. **Translating childhoods**: immigrant youth, language, and culture. New Brunswick: Rutgers University Press, 2009.

PORTO, M. P. **Biblioteca escolar, um caos para a diversidade cultural: a percepção do bibliotecário da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis sobre imigração**. 2021. 212 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em:

[https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/5641/Morena Porto Biblioteca um caos para diversidade 2022 16449341194163 5641.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/5641/Morena%20Porto%20Biblioteca%20um%20caos%20para%20diversidade%202022%2016449341194163_5641.pdf). Acesso em: 18 ago. 2022.

VIEIRA, K. **Bonecas abayomi**: símbolo de resistência, tradição e poder feminino.

AFREKA. Disponível em: <http://www.afreka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>. Acesso em: 23 maio 2022.

VINHA, L. G. A.; YAMAGUCHI, I. H. O. Migrações e educação: a inserção educacional dos migrantes e refugiados no Brasil. *In*: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **2011-2020: uma década de desafios para a imigração e refúgio no Brasil**. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

WALSH, C. **Interculturalidad, estado, sociedad luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: ediciones Abya-Yala, 2009.